

A QUESTÃO DO MECENATO NA ANTIGUIDADE E NO RENASCIMENTO PORTUGUÊS

Márcio Luiz Moitinha Ribeiro (UERJ)

Havia na Grécia e Roma antigas como também em Portugal na época do Renascimento a divinização do imperador, este membro de uma família de sangue real era apontado “pelos deuses” para governar no mundo real dos homens. Leni Ribeiro Leite (2007) afirma no resumo de sua comunicação a respeito de Marcial e desta divinização:

Marcial foi um dos escritores que buscava, segundo ele mesmo diz em sua obra, retratar o dia a dia da capital do Império. Nesta comunicação, procuraremos mostrar como a divinização do Imperador é um tema importante nos epigramas de Marcial, servindo ao duplo propósito de conquistar favores imperiais e sustentar o projeto geral de sua obra: corroborar a construção de uma sociedade que siga preceitos rígidos de adequação à moral.

O fato é que, não só Marcial, Virgílio e Horácio em Roma, mas também Calímaco e Teócrito no período helenístico entre tantos outros poetas; e Henrique Caiado em Portugal escreveram¹ suas obras com duplo propósito: o de alcançar a benevolência e a amizade do rei para subsistência; e o de escrever para educar a sociedade. Vale lembrar que Calímaco iniciou a sua carreira como modesto professor em Elêusis, num subúrbio de Alexandria, entretantes ocupou posição de grande destaque na corte de Ptolomeu Filadelfo, onde prestou serviços para ele até aproximadamente o ano 235 a. C., quando morreu (HIME, 1989), como nos aponta Hime Gonçalves Muniz em sua tese de doutorado.

De Marcial queremos destacar o que Jean Bayet, (1965) no livro *Littérature Latine*, nos apresenta a respeito da vida sofrida do poeta acima referido:

¹ Calímaco e Henrique Caiado teciam encômios aos reis da época com dois escopos. Primeiramente, queriam fazer parte do círculo da amizade dos poetas ilustres e monarcas; e, depois, precisavam de patrocínio para a sobrevivência deles.

M. Valérius Martialis était venu de Bilbilis (en Espagne, dans la province de Tarraconaise) achever ses études à Rome. Il y resta, séduit par la variété des impressions que la grande ville offrait à sa vivacité naturelle, mais y menant, pour subsister, la vie dure et humiliante du flatteur et du quémandeur: il flagorna Domitien, fit sa cour aux mêmes riches protecteurs que Stace. Il finit par y gagner, avec beaucoup de dégoûts, une mince aisance; et, par ses Épigrammes, la célébrité.

Para Ettore Paratore (1983) Marcial tornou-se um *cliens*, um adulator do rei, que beirava a pobreza e a miséria, de todo o seu esforço como poeta só obteve um casebre e um pequeno terreno em Nomento:

Afinal, o que lhe sucedeu foi a condenação ao ofício ingrato de cliens, que o consumiu durante trinta e cinco anos em fáticas corridas de um palácio para outro, em adulações exageradas e vãs, que deviam ser particularmente repugnantes para o seu bom gosto de poeta, numa pobreza que raiava a miséria e que o extenuou e lhe pesou no espírito, tolhendo-lhe talvez os ímpetos mais genuínos. De tanto esforço, não conseguiu obter mais que uma casinha, privada de água, no Quirinal e um pequeno terreno de pouco valor, em Nomento.

Virgílio, como todos nós sabemos, escreveu três obras monumentais: *A Eneida*, as *Bucólicas* e as *Geórgicas* (poema didático elaborado por solicitação de Mecenas). Nestas obras, há algumas alusões ao mecenato e às questões políticas da época.

Na *Eneida*, Virgílio³ faz algumas alusões ao “deus” Augusto. Este na verdade pede ao poeta mantuano que faça uma obra épica de encomenda, sendo assim o poeta tece elogios no texto épico ao seu governo em Roma. Diz Zélia Cardoso (1989):

Ele já era bastante conhecido nos meios artísticos e intelectuais de Roma quando, por solicitação de Augusto, se dispôs, em 29 a. C., a encetar a empresa gigantesca de escrever uma epopeia grandiosa que pudesse ombrear-se com os poemas homéricos.

² “M. Valério Marcial tinha vindo de Bilbilis (na Espanha, na província de Tarraconense) para concluir seus estudos em Roma. Ele aí permaneceu, seduzido pela variedade de impressões que a grande cidade oferecia à sua vivacidade natural, porém, aí levou, para subsistir, a vida dura e humilhante de adulator e de pedinte: ele bajulou Domiciano, fez seu cortejo aos mesmos ricos protetores que Estácio. Ele terminou por aí ganhar, com muito desgosto, uma escassa comodidade; e por seus epigramas, a celebridade”.

³ Sabemos que Virgílio foi deveras o épico latino por excelência, o poeta nacional do Império.

Um pouco mais abaixo, a professora doutora e titular da USP, Zélia de Almeida Cardoso (1989): também ressalta esta questão do mecenato e da obra épica de encomenda:

Conhecendo suas qualidades e sabedor de que o poeta, como havia demonstrado nesses textos, se dispunha a funcionar como verdadeiro porta-voz da política imperial, Augusto o incumbiu dessa nova missão. Durante dez anos - de 29 a 19 a. C. -, Virgílio trabalhou na composição do novo poema, A Eneida (Aeneis). Não chegou, todavia, a dar-lhe o último polimento.

Diz Zélia de Almeida Cardoso (1989): em seu livro *Literatura latina*, sobre a 1ª *Bucólica*:

Na primeira Bucólica – que, certamente, não é a primeira na ordem de composição – temos um diálogo entre dois pastores, Melibeu e Títiro. O primeiro, deixando as terras que lhe tinham sido confiscadas, queixa-se ao segundo. Este agradece ao “deus” que lhe permitira permanecer nas suas. Essa bucólica é frequentemente considerada uma espécie de alegoria: para muitos, Títiro é a projeção de Virgílio, que exalta Otávio por ter este autorizado a devolução de uma propriedade confiscada à família do poeta. Melibeu espoliado, entretanto, também pode representar Virgílio.

Há outras alusões políticas como na IV *bucólica*, por exemplo, quando Virgílio a dedica ao cônsul Polião.

Em Horácio⁴, em algumas passagens de seus poemas, também encontramos esta questão do mecenato e de elogios ao rei. Nas *Odes*, apresenta-se o Horácio que se coloca a serviço da política de Augusto. Vejamos por exemplo que no primeiro livro das *Odes*, há a seguinte passagem que assim traduzimos e que comprova o que acabamos de afirmar:

Ó Mecenas, descendente de antigos reis não só meu amparo como também minha doce glória, existem homens aos quais agrada ter reunido o pó olímpico⁵ no carro; e a baliza não tocada pelas ligeiras rodas⁶, e a nobre vitória os leva até aos Deuses senhores das terras.

⁴ Horácio viveu na mesma época de Virgílio e tornou-se seu amigo pessoal. Sabemos que Horácio só começou a publicar as suas obras, depois de Virgílio apresentá-lo a Mecenas. Horácio escreveu um livro de *Sátiras*, os *Epodos*, quatro livros de *Odes*, dois livros de *Epístolas* e o *Cântico Secular*, conhecido em latim como *Carmen saeculare*. Há uma dissertação sobre este canto, defendida na UFRJ pelo saudoso docente da UERJ, José de Oliveira Magalhães.

⁵ Diz respeito ao pó dos jogos olímpicos.

Este se a turba dos inconstantes Romanos procura elevar as três grandes honras⁷; (...)

Referimo-nos ao *Carmen saeculare* numa nota acadêmica. Esta obra foi composta também com o escopo de encomenda pelos poderes públicos para ser cantado por ocasião dos jogos seculares, realizados por Augusto em 17 a. C.

Quanto a Henrique Caiado, poeta português do período renascentista, deixou o Direito e deu preferência ao seu amor às Letras, por isto seu tio suspendeu a mensalidade do poeta e deixou-o sofrer privações, contudo o rei D. Manuel I patrocinou Henrique Caiado de modo que este ficou eternamente grato ao rei e compôs em alguns de seus epigramas encômios ao monarca. Vejamos duas passagens da vida de Caiado, tiradas da obra *As Éclogas de Henrique Caiado*, de Tomás da Rosa (1965) sobre esta questão de amor e gratidão ao Rei:

Caiado dedicara-se de preferência às Letras, que o seduziam, pondo de parte a árida disciplina de Direito. Viajou depois pela Itália, satisfazendo a sua ânsia de saber, ao contacto com os mais altos valores do Humanismo Italiano. Visitou, entre outros centros culturais, Roma, Ferrara e Pádua. Seu tio, ao ter conhecimento do fato, suspendeu-lhe a mensalidade. Caiado sofreu privações... E só por ordem de D. Manuel I, encetou os estudos de Direito Romano, em que, como nas Letras Humanas, primou e triunfou, vindo a doutorar-se pela Universidade de Pádua.

Um pouco mais abaixo afirma Tomás da Rosa (1965): "Caiado jamais esfriou a dedicação ao seu rei, sobretudo a D. Manuel. E em tudo procurou servir ao Humanismo português, e engrandecer Portugal com inteligência e amor".

Do livro I dos *Epigramas de Caiado*, destacamos o de número III que trata esta questão do mecenato. Como perceberemos abaixo há encômios ao Rei Manuel. Vejamos a minha tradução (RIBEIRO, 2010):

⁶ Isto é, também lhes agrada.

⁷ Alusão de Horácio as honras de Pretor, de Questor e de Cônsul na Roma antiga.

**Ad Emmanuelem Regem
EPIGRAMMA
III.**

Hesperiae, Rex magne, decus, quo praefide virtus
E coelo in terras conciliata venit.
Maiorum superas clarissima facta tuorum:
Aurea te redeunt principe saecla iterum.
5 Nigros usque tuum nomen penetravit ad Indos:
Vela tua Oceanus fertque, refertque Pater.
Extremique tuis parent confinia mundi
Legibus, es Regum maximus, Emmanuel.

**AO REI MANUEL
EPIGRAMA
III.**

Ó grande rei, glória da Hespéria⁸, por meio de quem o valor, comprometidamente conciliado, veio do céu à terra.
Tu superas os feitos mais ilustres de teus antepassados:
os séculos de ouro de novo retornam, sendo tu o soberano.
5 Teu nome chegou até mesmo junto aos trigueiros indianos:
o Oceano⁹ impele tuas velas¹⁰ e o Pai as traz de volta
e os limites do extremo mundo se submetem às tuas
leis, tu és o maior dos reis, ó Manuel¹¹.

Selecionamos uma passagem de Carlos Antonio Kalil Tannus (2007) em seu artigo, *Um olhar sobre a Literatura Novilatina em Portugal*, que vem a corroborar este costume que os reis tinham de patrocinar os poetas portugueses em seus estudos na Europa:

⁸ As regiões do Ocidente são denominadas Hespéria.

⁹ "Oceano", personificação do deus do mar, esposo de Tétis. E o "Pai", ao qual o verso 6 se refere, serve de exemplo da antonomásia do próprio Deus Júpiter.

¹⁰ Trata-se de um exemplo de sinédoque, o autor quer dizer que navios são levados pelo Oceano às terras longínquas.

¹¹ Vale lembrar que Caiado obteve muitos favores de seu caríssimo rei, mormente financeiros.

Encontramos também um panegírico de D. João III, em que se resalta a personalidade ativa, a prudência e agudeza de espírito, e o senso de justiça do rei, além do seu amor às Humanidades e da sua preocupação com os estudos dos seus bolseiros no Exterior ou com a qualidade do ensino na Universidade conimbricense:

Mirantur omnes tuum grauissimum iudicium atque acerrimam mentis aciem ... Nam et complures adolescentes Parisiorum Lutetiam ad capiendum ingenii cultum tuo sumptu, alendos misisti et nouam hic litterarum academiam erexisti quae non modo externas omnium gentium scholas possit Lacessere sed ueteres etiam Athenas in nostra haec tempora reuocare uideatur. (Panegírico de D. João III escrito por Pedro Sanches)

Eis a tradução de Carlos Tannus:

Admiram todos teu seriíssimo julgamento e a agudeza de tua mente. Com efeito, enviaste muitos jovens a Paris, a tuas expensas, para ilustrarem-se e ainda, aqui, fundaste uma nova academia que não somente pudesse congregiar os estudos de todas as nações mas que, também, parecesse trazer de volta aos nossos tempos a velha Atenas.

Claudie Balavoine (1983) também retrata a questão do patronato, afirmando que é verdadeiro que da Florença a Ferrara, passando por Bolonha, seus apoios haviam acompanhado Caiado. Parece que eles haviam desejado que ele se tornasse poeta oficial do rei Dom Manuel.

Vale enfatizar, como afirma a autora supracitada (BALA-VOINE, 1983), que em algumas éclogas de Henrique Caiado, o poeta procura captar a atenção de uma poderosa família, sem que um único mecenas seja sempre visado, pois sobre esse ponto Caiado não terá com que se lamentar de uma falta de proteção. Mas, sua ambição ultrapassa a preocupação de assegurar a sua sobrevivência.

A mesma autora (BALA-VOINE, 1983) também nos diz que o *idílio XVI*, de Teócrito já fazia referência ao mecenato, como também a *VI écloga* de Caiado, nos versos 38 a 39. Em uma comparação atenta dessas duas coletâneas, aparecem imitações pontuais inadiáveis que engajam os contextos. Ora todo segmento do texto *do idílio XVI*, de Teócrito, proclama o papel essencial das Musas, na propagação de o renomar e de procurar a proteção oficial e generosa do “basileus” Hiéron. Teócrito garantia então duplamente a solicitação de Caiado: primeiramente, fazendo aparecer o mecenato como uma instituição tão antiga quanto necessária e num segundo momento pro-

vando que as Musas pastoris poderiam cantar também a glória dos príncipes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAYET, Jean. *Littérature Latine*. Paris: Armand Colin, 1965.
- BALAVOINE, Claudie. *Les églogues D'Henrique Caiado ou l'humanisme portugais a la conquete de la poesie neo-latine*. Lisboa-Paris: Fundação Calouste Gulbenkian, 1983.
- CARDOSO, Zélia de Almeida. *A literatura latina*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1989.
- HIME, Gonçalves Muniz. *Arte e significado nos Epigramas Funerários de Calímaco: uma abordagem estilística*. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: UFRJ, 1989.
- LEITE, Leni Ribeiro. Humano mais que profano. Leituras do sagrado na Antiguidade Clássica e na cultura oriental. In: III CONGRESSO DE LETRAS CLÁSSICAS E ORIENTAIS DO INSTITUTO DE LETRAS DA UERJ. De 07 a 10 de maio de 2007. *Caderno de resumos*.
- PARATORE, Ettore. *História da literatura latina*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1983.
- RIBEIRO, Márcio Luiz Moitinha. *Epigramas de Henrique Caiado: Estudo e tradução do Livro I*. Tese de doutorado. São Paulo: USP, 2010.
- ROSA, Tomás da. *As éclogas de Henrique Caiado*. Separata de *Humanitas*. Vols. I e II da Nova Série. (Vols. V e VI da Série Contínua). Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Instituto de Estudos Clássicos, 1954.
- TANNUS, Carlos Antonio Kalil. Um olhar sobre a literatura novilatina em Portugal. *Revista Calíope – Presença Clássica*. Número 16, Rio de Janeiro: UFRJ, dez/2007.